

Machado de Assis e a querela entre antigos e modernos nas letras brasileiras

Daniel Pinha Silva*

Resumo: Na década de 1870, Machado de Assis se insere em um contexto em que uma nova geração intelectual se propõe a questionar os pressupostos de uma geração letrada anterior, encerrada como passado. Trata-se da proposição renovadora do Realismo em relação ao Romantismo, especialmente examinada por Machado no artigo “A nova geração”. O objetivo deste texto é analisar a leitura empreendida por Machado de Assis ante ao embate antigos/modernos proposto pela nova geração, interrogando sobre a maneira que Machado incorpora o passado das letras nacionais para a interpretação de seu tempo. A sugestão central do trabalho é a de que há na proposta machadiana o questionamento do sentido da querela como condição de afirmação da singularidade do tempo presente, configurando, dessa maneira, uma nova leitura sobre o passado literário nacional.

Palavras chave: Machado de Assis, geração 1870, querela antigos /modernos.

Machado de Assis and the quarrel between ancient and modern in Brazilian thought

Abstract: In the decade of 1870, Machado de Assis is inserted in a context in which a new generation intellectual is to question the assumptions of an earlier generation literate, meaning like past. This is the proposed renewal of Realism on Romanticism, especially by males examined in the article "The new generation." The aim of this paper is to analyze the reading taken by Machado de Assis about the shock between ancients and moderns proposed by the new generation, asking about the way that Machado incorporates the thought national past for the interpretation of its time. The central suggestion of the work is that there is the proposal of Machado questioning the meaning of the quarrel as a statement of the uniqueness of the present time, forming thus a new reading on the national literary past.

Keywords: Machado de Assis, generation 1870, quarrel ancient / modern.

Início com a leitura de Machado de Assis, em um escrito de 1873:

Escrever como Azurara ou Fernão Mendes seria hoje um anacronismo insuportável. Cada tempo tem o seu estilo. Mas estudar-lhes as formas mais apuradas da linguagem, desentranhar deles mil riquezas, que, à força das velhas se fazem novas – não me parece que se deva desprezar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo tem os modernos; com os haveres de uns e de outros é que se enriquece o pecúlio comum. (ASSIS, 1973: 809)

Esta é uma passagem retirada do texto “Notícia atual da literatura brasileira: instinto de nacionalidade”, publicado primeiramente na Revista *O Novo Mundo*. Até aquele momento, Machado de Assis participava do mundo letrado brasileiro como cronista, crítico teatral e crítico literário em jornais da Corte. Pode-se dizer que o “Instinto de Nacionalidade” é um

*Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio.

texto que tanto reúne suas aspirações como crítico quanto tece um diagnóstico da situação das letras brasileiras até então; além da questão da nacionalidade, o problema da modernidade literária compõe inteiramente esse quadro. Reconhecendo a importância das condições históricas na escrita literária – em suas palavras, “cada tempo tem o seu estilo” – Machado pondera que “nem tudo tinham os antigos, nem tudo tem os modernos”. Isso significa que, se o reconhecimento das particularidades históricas é importante para compreender que não há apenas uma lei literária atemporal conformada no passado – e presa a ele – por outro lado, os homens do presente não devem estabelecer como critério único os valores que lhes são contemporâneos. Eis o ponto central do presente artigo: trata-se de analisar, introdutoriamente, de que modo o sentido da querela antigos e modernos é examinado por Machado.

Trata-se de um debate que não é inaugurado por Machado de Assis nas letras brasileiras. Chamando para si a responsabilidade de construir uma unidade nacional após o episódio da independência política em relação a Portugal, o movimento romântico brasileiro buscou definir heranças e esquecimentos do passado em prol de ações no presente. Se a autonomia política estava consolidada por obra do Estado, restava agora construir a nação e a cultura autônoma desse novo país; e a escrita da história, tanto a política quanto a literária, teria um papel fundamental nesse sentido. O retorno ao passado atendia diretamente aos propósitos daqueles homens de letras, que buscavam, além de uma definição para a nação brasileira, afirmar a particularidade histórica do tempo em que se inseriam dentro do quadro maior da História do Brasil.

Nesse sentido, cabe ressaltar o argumento desenvolvido pelo crítico português Abel Barros Baptista: a um instinto de nacionalidade daquela geração romântica acompanhava-se um instinto de modernidade. Para o autor, o Romantismo não apenas elege o Brasil como a principal questão literária, mas também inaugura a tradição de movimentos literários brasileiros de sempre se pensarem em sua particularização temporal, como eterno começo.

Uma breve leitura de Gonçalves de Magalhães e Silvio Romero nos permite compreender como o problema da modernidade literária pôde ser apreendido no contexto brasileiro oitocentista. Primeiro Magalhães, em 1836:

Seja qual for a modificação que sofra a literatura, há sempre um acordo entre ela e as circunstâncias peculiares e temporárias do povo a que pertence e da inteligência que a produz. Assim a literatura é variável como são os séculos; semelhante ao termômetro que sobe ou desce segundo o estado da atmosfera. (...)Toca ao nosso século restaurar as ruínas e reparar as faltas dos passados séculos. Cada Nação

livre reconhece hoje mais do que nunca a necessidade de marchar. Marchar para uma Nação é engendrar-se moralmente, é desenvolver todos os elementos da civilização. (MAGALHÃES, 1980: 25)

Agora, Silvio Romero, em 1878:

O romantismo é um cadáver e pouco respeitável; não há futuro que o salve, nem que pretenda ser o Proteu de alguma mitologia de espécie nova!

O que todos podem experimentar, se quiserem verifica-lo, é que o pensamento de hoje, chocado por outras necessidades, enlarguecido por outras concepções, dificilmente se pode agüentar naquelas velhas cadeias. Avança deixando atrás a passada intuição, condenando à impotência os antigos programas literários. (ROMERO, 1980: 413)

O trecho de Gonçalves de Magalhães é retirado do “Discurso sobre a História da Literatura do Brasil”, publicado pela primeira vez na edição inaugural da *Revista Niterói-Brasiliense*, depois de ser apresentado de modo oral e parcialmente, três anos antes, em sessão do Instituto Histórico de Paris. Já o fragmento de Silvio Romero é retirado de um texto chamado “A poesia hoje”, prefácio do seu primeiro livro de poesias – *Cantos do Fim do Século* – datado em 1873, mas publicado pela primeira vez cinco anos depois. Nos dois escritos é possível perceber um caráter de manifesto, de pensadores que se proclamam fundadores e propagadores das idéias mais atualizadas. Se por um lado, Magalhães “afirma que toca ao século reparar as faltas dos passados séculos”, por outro, Romero assevera que o pensamento do presente, chocado por outras necessidades, dificilmente pode agüentar nas “velhas cadeias”. Com quarenta anos de diferença, um traço marcante prevalece no argumento de ambos: a exaltação de um instinto de missão temporal do presente, que se constrói a partir da contraposição a um determinado passado. Em Magalhães o inimigo é o passado colonial brasileiro, marcado por uma opressão portuguesa e pela imitação a modelos literários pré-estabelecidos; em Romero, as “velhas cadeias” são as deixadas pelo Romantismo, visto como “um cadáver e pouco respeitável”, o que inclui e anula a contribuição do próprio Gonçalves de Magalhães e sua geração. Ao mesmo tempo em que se verifica um contínuo desejo de história, expresso pela necessidade de se compreender a literatura a partir de valores temporais articulados ao processo histórico universal, os argumentos de Magalhães e de Romero esvaziam o passado para justificar o lugar do presente, conformando nas letras brasileiras uma tradição de ruptura.

Com Magalhães e Romero, a acepção do moderno se aproxima de uma tradição literária que opõe o que é considerado antigo ao que é apreendido como moderno, oposição entendida como condição de afirmação do novo em um determinado tempo presente. Hans Robert Jauss em seu texto “Tradição literária e consciência atual da modernidade” analisa a

história do conceito de moderno a partir dos contrastes da experiência moderna que se renovam sem cessar ao longo da história das idéias, todos produzidos como autoconsciência temporal de uma época. Percorrendo a tradição literária que se desenvolve a partir da idéia de moderno, desde a cultura grega e a romana até Baudelaire, Jauss observa a permanência na história literária do privilégio de um contínuo retorno histórico cíclico ao novo. Neste sentido, a consciência histórica dos *antiqui* e dos *moderni* se tornaria, ela mesma, uma constante literária cíclica: se cada época experimenta uma querela nestes moldes, o novo estará sempre fadado ao perecimento de um presente que no futuro lhe será superior.

Cabe destacar, nesse sentido, a análise de Antonio Edmilson Martins Rodrigues sobre o percurso de diferentes querelas entre antigos e modernos na Época Moderna, apresentando o quanto o *modernus* representou, em cada época, a despedida de um passado pela autoconsciência histórica do presente. Nas palavras de Rodrigues, “a cada novo século, a construção de sua identidade passa pela definição de um campo de diferenciações que produz um novo moderno.” (RODRIGUES, 2000: 246) Seria possível, assim, captar as diferentes concepções de moderno em contextos históricos específicos, no Renascimento, na Batalha dos Livros da Academia Francesa do século XVII, no Iluminismo e com Baudelaire no século XIX.

Em Machado de Assis a afirmação do moderno na literatura passa necessariamente por um novo modo de incorporar a experiência do passado. Leiamos o escritor:

A nova geração chasqueia às vezes do Romantismo. Não se pode exigir da extrema juventude a exata ponderação das coisas; não há como impor a reflexão ao entusiasmo. De outra sorte, essa geração teria advertido que a extinção de um grande movimento literário não importa a condenação formal e absoluta de tudo o que ele afirmou; alguma coisa entra e fica no pecúlio do espírito humano. Mais do que ninguém, estava ela obrigada a não ver no Romantismo um simples interregno, um brilhante pesadelo, um efeito sem causa, mas alguma mais que, se não deu tudo o que prometia, deixa quanto basta para legitimá-lo. Morre porque é mortal. (...) A alguns deles, se é a musa nova que o amamenta foi aquela grande moribunda que os gerou; e até os há que ainda cheiram ao puro leite romântico. (ASSIS, 1973: 810)

Data de 1o de dezembro de 1879 o ensaio “A nova geração”, publicado por Machado de Assis na *Revista Brasileira*. O trecho destacado é representativo quanto ao tom da análise do autor sobre o que ele denominou “nova geração”. Machado salienta, sobretudo, o quanto aqueles novos homens de letras eram devedores do arcabouço intelectual legado pela geração romântica que os antecedeu. Ao referir-se ao “pecúlio do espírito humano” ele vai além das fronteiras brasileiras, tornando suas concepções válidas universalmente. Para Machado, sinal de lucidez literária seria perceber que a afirmação de novos parâmetros não implicava em

derrubar completamente o edifício construído pela geração passada, mas que o crescimento literário dava-se pela interação do novo com o antigo. “Morre porque é mortal”: a consciência do fim e das mudanças das idéias o faz perceber que as postulações daquele presente seriam o passado de um determinado futuro, mais próximo ou menos, mas que nem por isso aquelas idéias deveriam estar sujeitas ao esquecimento ou a substituição devido ao fluxo do tempo. A idéia de cada época, por mais perecível que pudesse parecer, contribuía para a formação do “pecúlio do espírito humano” como um todo, não apenas brasileiro.

Machado identifica entre os novos escritores, a inaptidão em lidar com dois eixos centrais que formam sua idéia de literatura: a inépcia em compreender que a necessidade do novo – visto como uma necessidade vital humana e, em especial, de movimentos literários já que “A poesia não é, nem pode ser eterna repetição” (ASSIS, 1973: 810) – não implica na destruição ou completa negação de tudo que o antecedeu; e a incapacidade da nova geração em produzir uma literatura brasileira com qualidades essenciais que a tornassem literatura, ou seja, com aquilo que ele denominou como “sentimento íntimo”.

Se o impulso para o novo era uma qualidade admirável para o movimento, já que impulsionava para o risco e a possibilidade de criações desamarradas de um passado estático, faltava aos novos escritores a devida ponderação das coisas para reconhecer que idolatrar ou execrar completamente o passado eram dois lados de uma mesma moeda. As palavras de Machado são decisivas para a compreensão deste argumento:

Falta unidade ao movimento, mas sobram confiança e brilho; e se as idéias trazem às vezes um cunho de vulgaridade uniforme, outras um aspecto de incoercível fantasia, revela-se todavia esforço para fazer alguma coisa que não seja continuar literalmente o passado. Esta ineção é um penhor de vitória. Aborrecer o passado ou idolatrá-lo vem a dar no mesmo vício; o vício de uns que não descobrem a filiação dos tempos, e datam de si mesmos a aurora humana, e de outros que imaginam que o espírito do homem deixou as asas no caminho e entra a pé num charco. Da primeira opinião tem desculpa os moços, porque estão na idade em que a irreflexão é condição de bravura; em que um pouco de injustiça para com o passado é essencial à conquista do futuro. Nem os novos poetas aborrecem o que foi; limitam-se a procurar alguma coisa diferente. (ASSIS, 1973: 836)

A leitura crítica de Machado de Assis sobre os caminhos tomados pela “mocidade literária”, termo que ele cunhou sobre seus contemporâneos da década de 1870, nos apresenta não apenas distintas recepções críticas ao que vinha sendo discutido no contexto europeu – o “bando de idéias novas” a que Silvio Romero se referiu – mas destaca também a peculiar afinidade do escritor com a tradição, ou melhor, com o que ele projeta como tradição acumulada enquanto “pecúlio comum”. Este modo de conceber o passado literário – um passado não *ultrapassado*, mas que *constitui* o seu presente – torna Machado ao mesmo

tempo diferente e devedor da produção literária de um José de Alencar. Indo além das fronteiras das letras brasileiras, o que está em jogo, em Machado, é a percepção da autoconsciência histórica de uma época em sua relação com o passado, isto é, com aquilo que um determinado presente produziu como tradição a partir do passado. Quanto mais afirmava a superioridade do novo sobre o velho, mais a nova geração demonstrava sua incapacidade em transformar o novo de suas idéias em um traço propriamente moderno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. “A nova geração” In *Obras completas*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1973, vol.III.

ASSIS, Machado de. “Notícia atual da literatura brasileira: Instinto de nacionalidade” In *Obras completas*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1973, vol.III.

BAPTISTA, Abel Barros. *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo horizonte, MG: Editora Itatiaia, 2000, vol. II.

JAUSS, Hans R. “Tradição literária e consciência atual da modernidade”. In OLINTO, Heindrun Krieger (org.). *Histórias de Literatura. As novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1997.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. “Discurso sobre a história da literatura no Brasil”. In COUTINHO, Afrânio (org.) *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro, Pallas; Brasília INL, 1980, vol. I.

RODRIGUES, Antonio Edmilson M. “A querela entre antigos e modernos: genealogia da modernidade” In FALCON, Francisco José C. e RODRIGUES, Antonio Edmilson M. *Tempos Modernos: ensaios de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ROMERO, “Cantos do Fim do século”. In COUTINHO, Afrânio (org.) *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro, Pallas; Brasília INL, 1980, vol. I.